



FELIPE RODRIGUES

Da Gazeta de Piracicaba

felipe.rodrigues@gazetadepiracicaba.com.br

●●●●● O dia é 23 de julho de 2008. A televisão noticia que a principal cidade do país, São Paulo, vive o dia mais quente do inverno deste ano. Em algumas regiões da capital paulista, a temperatura chega a 28,5° C. Em Piracicaba, alguns marcadores indicam 27° C perto do meio-dia. O sol é quente e nada lembra as típicas frias tardes de inverno desta época do ano. Nada de blusas, cachecóis e gorros. O calor lembra os famosos dias iniciais de dezembro, com suas massas de ar aquecido.

“O tempo está maluco”, diz a dona-de-casa Edilene Souza de Aquino. As estações do ano parecem conviver juntas e em diferentes intensidades. Se em Curitiba, capital do Estado do Paraná (ao lado de São Paulo), noticiou-se geadas na forte frente fria que aconteceu em junho, a última grande geada no Estado de São Paulo data de 1975. O ‘homem do tempo’ em Piracicaba, o meteorologista e professor da Esalq, Nilson Villa Nova, assinala que este quadro climático ‘diversificado’ se tornou comum. São as massas de ar quente ou polar que acabam por definir a temperatura, independente do mês do ano em que se encontra.

Só para ficar nos dois últimos anos, o mês considerado mais frio (junho) registrou médias de 19,3° C (2007) e 19° C (2008), bem acima do índice histórico no período, que é de 16,8° C. Para piorar, soma-se a essa variação de temperatura a instabilidade das precipitações de chuva. Neste ano, por exemplo, não caiu uma gota d’água sequer no município em julho, bem diferente do ano passado, quando choveu 165 milímetros no mesmo período, muito acima da média, que é de 35 milímetros.

Os mais antigos são testemunhas vivas de que o clima está, no mínimo, imprevisível. Altas temperaturas em épocas de frio ou dias gelados em janeiro e dezembro não são mais surpresas. “Eu me lembro que antes dava para saber, no ano, quando ia chover, ventar ou fazer calor. Isso não é mais possível”, destaca o aposentado Benedito Alves, de 60 anos. “Venho de uma família de agricultores e eu mesmo trabalhei no campo durante tempos. Não dá mais para saber quando vai chover ou não. Minha mãe sabia e costumava dizer que os

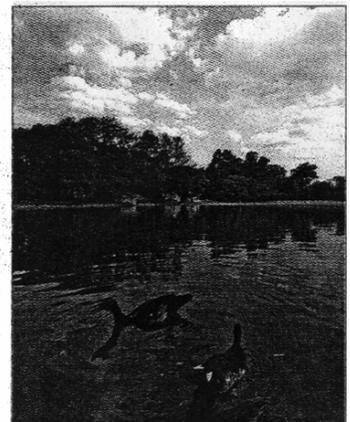
Sem estações definidas

Dias quentes e noites frias demonstram um clima imprevisível

TEMPO MALUCO



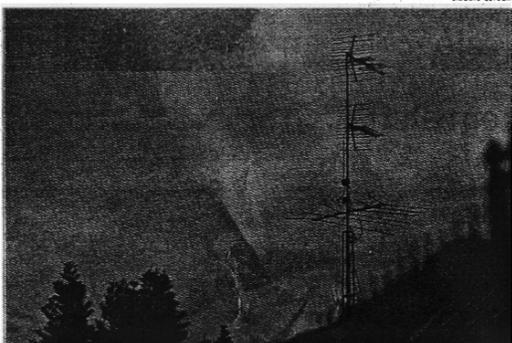
Antonio Trivelin



Antonio Trivelin

Villa Nova: ‘Instabilidade é fruto das atividades sísmicas no Oceano Pacífico’

Sexta-feira (1): dia claro e quente



Claudio Coradini

Céu avermelhado, típico de final da tarde de inverno



Antonio Trivelin

As folhas caem num inverno que mais parece verão

pássaros não voavam alto quando ia chover. Hoje, nem muitos pássaros existem mais”, diz, olhando para o céu.

Villa Nova não gosta de dar um tom alarmista quando se fala em meio ambiente e aquecimento global. “Isso não ajuda”. A instabilidade climática deste meio de ano, explica, é momentânea e resultado do rompimento das placas tectônicas que aqueceram a água do Pacífico Sul. “Quando acontece algo nesta região do planeta, todo

ecossistema do mundo é prejudicado”, destaca, ao exemplificar os furacões no sul dos Estados Unidos. O ar da região levanta e desseca em alta temperatura, formando zonas de alta pressão, impossíveis de serem furadas por frentes de ar frio. A umidade cai e o calor predomina. “Vem acontecendo com frequência ultimamente”.

“É um clima similar ao de um deserto, em que tanto vemos em filmes. De dia, quase se morre de calor. À noite, é preci-

so atear fazer uma fogueira para suportar o frio”. O pesquisador entende que o atual nível de CO2 faz com que se pense em uma variação climática mais duradoura e a longo prazo, que pode comprometer o meio ambiente daqui há 50 anos. “Existem estudos comprovados de que o mesmo teor de gás carbônico provocado pela poluição dos carros e queimadas já existiram na atmosfera, há mais de mil anos.

Isso dá mostras de que a Ter-

ra já superou esse tipo de problema, o que não significa que não se deve estar atento a uma repetição deste fenômeno”, avalia. Villa Nova, porém, se irrita com alarmismos ambientalistas e suposições como a de que ‘tsunamis’ possam refletir essa tendência a um clima ‘descontrolado’. “São anomalias climáticas impossíveis de serem previstas. Sempre aconteceu e sempre acontecerá”.